



COMO REFERENCIAR ESSE ARTIGO

RINK, Anita. Clínica transdisciplinar: corpo e subjetividade. In: ENCONTRO PARANAENSE, CONGRESSO BRASILEIRO DE PSICOTERAPIAS CORPORAIS, XIV, IX, 2009. **Anais**. Curitiba: Centro Reichiano, 2009. CD-ROM. [ISBN – 978-85-87691-16-3]. Disponível em: www.centroreichiano.com.br/artigos. Acesso em: ____/____/____.

1

CLÍNICA TRANSDISCIPLINAR: CORPO E SUBJETIVIDADE

Anita Rink

RESUMO

A proposta deste trabalho é apresentar a Clínica Transdisciplinar como um sistema aberto e uma criação polifônica produtora de subjetividade. No *set* terapêutico busca-se estimular as múltiplas vozes pessoais das narrativas internas e externas dos clientes, que incluem sensação, som e cheiro, assim como, vivências familiares e políticas. Este procedimento visa ativar a polifonia psíquica que inclui o corpo físico em suas diversas dimensões. O corpo entra no processo terapêutico, ganha voz e participa no diálogo com diferentes tipos de imagens. Em um entrecruzamento das diversas imagens corporais e da fala ficcional dos clientes surgem símbolos espontâneos, os únicos agentes de transformação da libido segundo, Nise da Silveira, *apud* Jung. Durante o trabalho terapêutico, as imagens povoam a imaginação do indivíduo em terapia e o *setting* se torna um caldeirão alquímico, cujos ingredientes são a fantasia lúdica e a dramaticidade corporal.

Palavras-chave: Arte. Clínica. Corpo. Imaginação. Transdisciplinaridade.

Na sociedade ocidental contemporânea há uma espécie de mecanismo de desconexão das pessoas e seus corpos, de suas experiências sensoriais. Os sujeitos acabam perdendo a sua “sabedoria corporal” e o que passa a predominar é a racionalidade, com um excesso de idealizações e um modo polarizado de conceber o mundo. A palavra *idealismo* deriva da palavra grega *idein*, que originalmente quer dizer “ver”. Este modo de pensar a realidade está baseado numa espécie de distanciamento que leva a captar a realidade desproporcionalmente através do sentido da visão (observador e objeto). A capacidade sensorial se torna desvalorizada socialmente e naturaliza-se uma visão distanciada do corpo. Este último passa a ser objeto da ciência, classificado conforme uma imagem socialmente idealizada. As raízes do idealismo sobre o soma (corpo) têm início no século XVII quando este passa a ser visto como uma máquina. O terapeuta Don Johnson, em seu livro *Corpo*, afirma que usar palavras para qualificar a imagem do corpo são maneiras de enquadrá-lo e classificá-lo em um ideal social. Isto acaba por excluir uma parte fundamental das pessoas, sua relação própria com a experiência corporal e as



COMO REFERENCIAR ESSE ARTIGO

RINK, Anita. Clínica transdisciplinar: corpo e subjetividade. In: ENCONTRO PARANAENSE, CONGRESSO BRASILEIRO DE PSICOTERAPIAS CORPORAIS, XIV, IX, 2009. **Anais**. Curitiba: Centro Reichiano, 2009. CD-ROM. [ISBN – 978-85-87691-16-3]. Disponível em: www.centroreichiano.com.br/artigos. Acesso em: ____/____/____.

2

informações que esta poderia lhe dar. Desta forma os indivíduos (...) *perdem inteiramente sua sombra, perdem sua terceira dimensão e, com ela, em geral, perdem o corpo* (Conger, 1993: p.103). A corporalidade humana acaba sendo vista como um território indesejado, como algo a ser modificado, consertado, eliminado, fortificado e transformado de acordo com um ideal social polarizado. Os primeiros cientistas que trataram a estrutura de corpo produziram métodos de estudo do ser humano que alienam a percepção sobre o corpo. Como exemplo, podemos citar o alemão Ernst Kretschmer (1888–1964), que fez uma listagem com oitocentas aberrações corporais e William Sheldon (1898-1977), o americano pioneiro na produção de uma tipologia sobre o corpo. Estes tipos de classificações tornam-se mecanismos políticos que acabam por escravizar o corpo. Como resultado, este perde a sua imagem sensorial, proprioceptiva, psíquica e individual. A imagem armazenada no cérebro, quando é produzida com a qualidade das experiências vivenciadas, possui corporalidade. Quando a imagem social que circula na subjetividade coletiva está desprovida de raízes, as pessoas se tornam alienadas por conceitos, por papéis sociais estagnados, que não geram ação vital. Segundo o pesquisador Joseph Campbell, quando as experiências corporais não são conscientizadas como parte do processo mítico individual e coletivo, o corpo deixa de manifestar sua sabedoria intrínseca.

O filósofo Friedrich Nietzsche vê o corpo como um fio condutor para se compreender a cultura, porque este revela a imagem e a imaginação social. O corpo pode ser vitalizado e construído pela cultura e pela imaginação social, mas também pode ser aniquilado por estas instâncias. Se a modelação cultural sobre o corpo deixa de ressoar nos sistemas profundos do soma, deixando de ativar as ações criativas corporais, o corpo perde sua capacidade de expressão e mergulha numa espécie de congelamento. O soma passa a ser visto como algo ruim, um lugar onde se estabelecem mazelas a serem extirpadas.

Entretanto, segundo Don Johnson, os ideais sociais também podem favorecer o corpo, levando as pessoas a tentarem ampliar seus movimentos e desenvolver seus músculos. *As ginásticas ocidentais, a hatha yoga e o tai-chi-chuan são sistemas idealísticos que têm contribuído para o bem estar de*



COMO REFERENCIAR ESSE ARTIGO

RINK, Anita. Clínica transdisciplinar: corpo e subjetividade. In: ENCONTRO PARANAENSE, CONGRESSO BRASILEIRO DE PSICOTERAPIAS CORPORAIS, XIV, IX, 2009. **Anais**. Curitiba: Centro Reichiano, 2009. CD-ROM. [ISBN – 978-85-87691-16-3]. Disponível em: www.centroreichiano.com.br/artigos. Acesso em: ____/____/____.

3

gerações e gerações de pessoas que os praticam, desenvolvendo tanto os músculos como a consciência (Johnson, 1990: p. 120). Não podemos dizer que o corpo seja sempre vítima do mundo social, pois a sociedade pode, por outro lado, contribuir com este de inúmeras maneiras.

Segundo nossa linha de trabalho, o corpo deve ser visto como um território a ser explorado, não determinado socialmente. O soma de cada pessoa tem um modo único de se expressar, precisando ganhar voz e participar no diálogo com o próprio sujeito. A natureza corporal (...) *contém uma força vital, primitiva e indiferenciada, uma promessa de futuro, que intensifica nossa percepção consciente e nos fortalece pela tensão dos opostos* (Conger, 1993: p.108). Em nossa sociedade, há uma tendência a se “enjaular” o corpo, separá-lo da psique; isto pode significar uma tentativa de fugir do incômodo das tensões, do medo da linguagem corporal, desconhecida e irracional. Também se tenta aprisionar o corpo na tentativa de se controlar a natureza humana, seja em sua fragilidade, seja em sua força. O sentimento de (...) *fúria e a dor, as lágrimas e as agonias são a história calada na musculatura contraída, que inconscientemente condiciona nossa vida e nosso sentimento* (Conger, 1993: p.21). Estes sentimentos são simbólicos e necessitam ser vistos como tal. Na teoria do psicólogo e filósofo Carl Gustav Jung, existe uma base biológica, corporal para o inconsciente coletivo, que é produzida ao longo do tempo. O corpo social e o corpo individual produzem tensões e um influencia o outro. Segundo John P. Conger, na Psicologia Analítica, a tensão muscular pode ser considerada uma espécie de sombra corporal. O termo “sombra”, para Jung, é usado para designar um material psicológico rejeitado pela consciência, um conteúdo excluído que pode ser social e individual, que pode acabar ficando entrincheirado no corpo. Para Jung, a sombra tem uma natureza que tende a se esconder e permanecer fora da consciência. Um dos modos de podermos entrar em contato com esta sombra é desenvolver a consciência corporal. Para podermos trabalhar com a sombra precisamos exercitar a observação, a paciência e os sentidos para percebermos quando ela aparece. Connie Zweig (psicoterapeuta junguiana) e Steve Wolf (psicólogo clínico) sugerem que devemos



COMO REFERENCIAR ESSE ARTIGO

RINK, Anita. Clínica transdisciplinar: corpo e subjetividade. In: ENCONTRO PARANAENSE, CONGRESSO BRASILEIRO DE PSICOTERAPIAS CORPORAIS, XIV, IX, 2009. **Anais**. Curitiba: Centro Reichiano, 2009. CD-ROM. [ISBN – 978-85-87691-16-3]. Disponível em: www.centroreichiano.com.br/artigos. Acesso em: ____/____/____.

4

... aprender a cortejá-la [a sombra], atraí-la para fora, seduzi-la para a consciência. Como um amante tímido, ela vai retroceder novamente para trás da cortina. E novamente, com paciência, podemos convidá-la a dançar. Este processo lento de trazer a sombra para a consciência, esquecer-se, e reconhecê-la novamente, é a natureza do trabalho com a sombra. Finalmente, podemos aprender a criar um relacionamento contínuo e consciente com ela, reduzindo o seu poder de nos sabotar inconscientemente. (Zweig e Wolf, 2000: p. 15)

Na sombra pode haver tesouros e um grande potencial que precisa ser desenvolvido. Este conteúdo, quando expresso, nutre a consciência, tornando a personalidade mais vital e criativa. Observar sensações corporais e tensões é o que se propõe em um trabalho clínico. O terapeuta deve estar atento às imagens corporais, cinestésicas e sociais, construindo criativamente novos pontos de apoio, novos modos de respostas, novos enredos que se iniciam a partir de uma tensão muscular, por exemplo. Não se trata de retirar as tensões, pois isto seria a retirada da própria capacidade vital, criadora, criativa e imaginativa do sujeito.

Em vez de naturalizar ou condenar a separação entre corpo e psique, nossa proposta é promover uma união criativa e lúdica. Unir novamente o que parece estar separado, pois *um corpo não informado pela mente e pelo espírito pode entregar-se à vida instintiva ou às limitações canhestras, mas a mente não informada pelo corpo perde o seu discernimento e, de maneiras imprevistas e críticas, embota e recua* (Conger, 1993: p.166). As tensões também podem ser encaradas como tesouros em potencial que, se bem trabalhadas, enriquecem a mente ao diversificar seus modos expressivos.

Numa clínica transdisciplinar nada é pré-determinado como sendo bom ou ruim, patológico ou saudável. Tudo pode ser um ponto inicial para que a imaginação possa criar suas histórias, novos olhares e novas formas de “fazer corpo”, de “ser corpo”, de “se tornar corpo”. O processo terapêutico pode ser considerado uma espécie de alquimia. Para Jung, as mudanças corporais são uma parte da alquimia da clínica. O próprio símbolo alquímico significa um corpo vivo – *corpus et anima*.

A alquimia necessita da materialidade, e esta favorece a transformação da psique. Como produzir alquimia com os modos contemporâneos de negação do corpo? A imaginação dos antigos alquimistas produzia enredos a



COMO REFERENCIAR ESSE ARTIGO

RINK, Anita. Clínica transdisciplinar: corpo e subjetividade. In: ENCONTRO PARANAENSE, CONGRESSO BRASILEIRO DE PSICOTERAPIAS CORPORAIS, XIV, IX, 2009. **Anais**. Curitiba: Centro Reichiano, 2009. CD-ROM. [ISBN – 978-85-87691-16-3]. Disponível em: www.centroreichiano.com.br/artigos. Acesso em: ____/____/____.

5

partir das experiências pessoais com os elementos da terra. Eram enredos provocados pela relação singular de um ser humano imaginativo com a matéria. *Os alquimistas acreditavam que a imaginação tinha poder superior a qualquer coisa [...] alterar a essência das substâncias e também um corpo físico. [...] Muitos alquimistas acreditavam que a imaginação era necessária para a criação da pedra [filosofal] (Raff, 2002: p. 85).* Os alquimistas projetavam seus conteúdos psíquicos nos elementos que faziam parte do processo alquímico, não existiria a imaginação dos alquimistas sem a matéria.

Nietzsche diz que o homem não sabe afirmar e que confunde afirmação com o esforço dos músculos tensos. Afirmar, para Nietzsche, é criar novos valores que tornem a vida mais leve e desprendida da “vontade de heroísmo”. A pedra filosofal da alquimia seria este novo valor descoberto na relação com a materialidade, não como uma verdade alcançada, mas como valores experienciados de forma mais completa e na relação com o outro (a materialidade corporal): o corpo, este desconhecido e potente fertilizador da imaginação. A conquista do corpo pode ser comparada à busca da pedra filosofal...

No atendimento clínico transdisciplinar o corpo, a imagem, o lúdico, assim como a arte, a política e os acontecimentos sociais se tornam centrais na medida em que atravessam a corporalidade. É um fazer arte, porém clínico. Ao nascer, o ser humano é primeiramente reconhecido por seu corpo, depois, ele torna-se um ser cultural. Nosso objetivo é produzir na clínica um terceiro nascimento: um “encarnar-se de si mesmo”, de desejo, de imaginação e ludicidade a partir da relação com o próprio corpo, porém qualitativa, consciente e criativamente. Quando a consciência e as sensações internas são estimuladas pelo processo terapêutico e polifônico corporal, as imagens psíquicas e a imaginação ganham um fluxo que possibilita novos modos de estar no mundo. Isto também é fazer arte. O importante é não interpretar, não considerar literalmente e nem achar um constructo (objeto de percepção ou pensamento formado pela combinação de impressões passadas e presentes) ou uma classificação em uma patologia para enquadrar o cliente. O que se deseja é conseguir alternância, ativar diversos canais anatômicos (visão,



COMO REFERENCIAR ESSE ARTIGO

RINK, Anita. Clínica transdisciplinar: corpo e subjetividade. In: ENCONTRO PARANAENSE, CONGRESSO BRASILEIRO DE PSICOTERAPIAS CORPORAIS, XIV, IX, 2009. **Anais**. Curitiba: Centro Reichiano, 2009. CD-ROM. [ISBN – 978-85-87691-16-3]. Disponível em: www.centroreichiano.com.br/artigos. Acesso em: ____/____/____.

6

audição, sensação, etc.) para que ganhem voz. Promover um jogo metafórico em detrimento do conceito, como estratégia para solapar a “Vontade de Verdade” própria do homem moderno. Terapeuta e cliente se tornam observadores “isentos” e capazes de perceber o fluxo corporal da imagem e da imaginação. Como se pudessem produzir uma construção em rede, “deixar acontecer” a trama psíquica. Isto se torna possível quando se usa um jogo metafórico, pois este propicia uma abertura para novos sentidos. Quando se produz arte, o que antes estava separado passa a poder ser unido. O que antes parecia impossível de se juntar, é unido pela e na arte. São diversos enredos e lugares psíquicos que se trançam em novas falas e novas expressões corporais.

A clínica transdisciplinar é um sistema aberto em que o analista participa e contribui na produção e escuta de múltiplas vozes. Esta clínica, como um sistema aberto, tem a capacidade de se criar e se recriar a cada momento. A chave para mudar nosso modo de ver as coisas é a (...) *afirmação da corporalidade do sujeito, desta forma o sujeito encarna e participa da dinâmica criativa de si mesmo e do mundo em que ele está permanentemente em intercâmbio* (Nasmanovich, 2001: p.95).

A “arte clínica” ou clínica transdisciplinar necessita de imaginação e corporalidade, além de alguma incompletude. *Um sujeito paga com a incompletude a possibilidade de se conhecer*. (Nasmanovich, 2001: p.95); esta incompletude é necessária ao sujeito que se cria e cria no mundo. A criatividade resultante da polifonia corporal, ao tornar-se um processo consciente produz subjetividade e cultura, participa ativamente do mundo. Um corpo vitalizado não exclui a(s) sombra(s) e as tensões musculares. O território corporal – seja individual, seja coletivo – tem características próprias e singulares que precisam de certa quantidade de sombra e tensão para dar início ao processo de “criação de si mesmo” e da cultura. Desta forma, o corpo pode vir a atuar como um elemento fecundador do desenvolvimento psíquico.

REFERÊNCIAS

CONGER, J. P. **Jung e Reich** – o corpo como sombra. São Paulo: 1993.



COMO REFERENCIAR ESSE ARTIGO

7

RINK, Anita. Clínica transdisciplinar: corpo e subjetividade. In: ENCONTRO PARANAENSE, CONGRESSO BRASILEIRO DE PSICOTERAPIAS CORPORAIS, XIV, IX, 2009. **Anais**. Curitiba: Centro Reichiano, 2009. CD-ROM. [ISBN – 978-85-87691-16-3]. Disponível em: www.centroreichiano.com.br/artigos. Acesso em: ____/____/____.

JOHNSON, D. **Corpo**. Rio de Janeiro: Nova Fronteira, 1990.

NAJMANOVICH, D. **O sujeito encarnado**: questões para pesquisa no-do cotidiano. Rio de Janeiro: Ed. DP&A, 2001.

RAFF, J. **Jung e a Imaginação Alquímica**. São Paulo: Mandarim, 2002.

ZWEIG C. & WOLF, S. **O jogo das sombras** – iluminando o lado escuro da alma. Rio de Janeiro: Rocco, 2000.

AUTORA

Anita Rink/RJ - Psicóloga, Arteterapeuta (Clínica POMAR/RJ), Arte-Educadora (CECAP) e Artista Plástica (Liceu de Artes e Ofício/RJ & Scuola Machiavelli, Florença/Itália). Atuou como Consultora de Recursos Humanos nas empresas Sadia, Knoll, LBV e Gelli. Membro da Sociedade Brasileira de Belas Artes e Membro da ABD (Associação Brasileira de Desenho). Desenvolveu atividades de Arteterapia em comunidade carente (Gradim/RJ). Professora de Arteterapia e Artes Plásticas; Psicóloga Clínica e produz textos acadêmicos. Temas: Arte e Estética; Criatividade, Imagem e Imaginação; Cultura e Subjetividade; Técnicas Expressivas Diversas. Participante do Grupo de Pesquisa Linguagem e Modos de Subjetivação - Programa de Mestrado em Psicologia da Universidade Salgado de Oliveira.

E-mail: anitarink9@yahoo.com.br

